Ano I — N.º 18 | Guimarães, 8 de Agosto de 1931 | Numero avulso, $50

O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA» — DE VILA NOVA DE FAMALICÃO —

DIRECTORES: DAVID D'OLIVEIRA, DUARTE FRAGA, EDUARDO D'ALMEIDA

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — PROVISÓRIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

O PÃO NOSSO

Nem só de pão vive o homem, lemos algures e como certo o temos. E' necessário também que olhemos à alimentação do espírito, não lhe sonegando os meios precisos ao seu aperfeiçoamento, ao seu desenvolvimento.

Estamos de acôrdo. No espírito está aquela parcela do homem que mais cuidado deve merecer, que mais carinhosa e atenciosamente deve ser tratada. Se o homem é obra de deuses, no espírito humano residirá a essência divina dos seus obreiros, a parte santa da obra. Cuidemos do espírito, não lhe sonegando os meios de se aperfeiçoar e elevar à imagem dos deuses seus criadores.

Estamos de acôrdo. Simplesmente...

Nunca estaremos de acôrdo com os que, esquecendo a triste realidade presente, esquecendo-se de que o pão falta, se atrevem a dar conselhos atinentes à civilização dos espíritos. Nem só de pão vive o homem, mas o que é certo é que o pão é a primeira condição da vida, a primeira condição para que haja espíritos a alimentar.

E se o pão falta, e se a fome abunda, com que direito havemos de sair à estacada a pedir e a exigir o civilizador alimento do espírito?

Num crescendo apavorante, aumenta por êsse mundo fora o número dos desempregados, dos sem trabalho. A miséria alastra com o seu hediondo cortejo de doenças e vícios, depauperando os corpos e corrompendo os espíritos. O proletariado e, com êle, as classes médias, debatem-se em crise pavorosa, que uma comum e desgraçada situação económica torna atroz até ao desalento. Rara é a nação, raríssimo é o povo, que não sinta as cruciantes angústias do dia de hoje, aumentadas pela incerteza do dia de amanhã. Todos sofrem e todos procuram o modo de fugir às funestas conseqüências da crise que os esmaga. Todos sofrem, mas uns mais do que outros; e nós, infelizmente, somos dos que mais sofrem, dos que mais vêm sentindo as agruras da crise.

Nestas circunstâncias, acho cruel reclamar-se o tal pão do espírito. Agora, do que precisamos é de angariar o pão do corpo, o pão que falta em muitos lares e em muitas bôcas, o pão que escasseia e que é primeira condição de vida.

Neste momento o que convém é acudir à multidão dos famintos, aos enxames de crianças esfaimadas, à turba-multa dos trabalhadores que a miséria espreita e ameaça. Criêmos, antes de tudo, corpos sãos. Depois, sim; depois acudamos aos espíritos por todas as formas e por todos os meios ao nosso alcance; para dar ao corpo são o são espírito que merece.

DÓRIO.

O *direito de existência* não só compreende a vida e integridade pessoal do homem, mas também o seu bom nome e reputação, em que consiste a sua dignidade moral.

(Art. 360 do Cód. Civ.)

A' margem dos livros... e da vida

De *Alberto de Oliveira* in *Pombos Correios:*

«A Suiça abre largo crédito aos seus govêrnos, mas não em matéria de honras ou de proveitos tangíveis. Nesse ponto é inexorável.

«Um ministro ganha três contos anuais e ninguém dá por êle. Vive como um modesto particular e sem que os jornais, que naquele país são impessoalíssimos, lhe façam a côrte. Não se desloca um soldado nem uma banda de música para o festejar. O povo suiço, conhecendo as fraquezas universais da vaidade humana, aplica-lhes êste regime preventivo. Nomeia os seus ministros, mas logo a seguir ignora-os sob todos os pontos de vista do exibicionismo. E quando o conselheiro federal passa de ministro a Presidente da República, o sistema não muda. A Presidência na Suíça é uma abstracção.

«Ao chefe do Estado ninguém sabe, ou melhor ninguém *quer* saber o nome. E o homem mais ilustre, dezenas de anos votado de alma e coração ao serviço público, saber-se-á rodeado do afecto e do respeito nacional, sem que um só instante êsses sentimentos tomem forma exterior, mesmo a mais inocentemente espectaculosa.

«Morre, porém, no seu pôsto êsse Presidente ou êsse ministro, e a atitude severa da nação instantâneamente se humaniza. O seu próprio entêrro — eis a única ceremónia oficial e solene em sua honra a que um homem de Estado suíço pode esperar «assistir». O país concede-lhe então comovidamente todas as homenagens, que rudemente lhe recusou em vida».

*

Temos instintiva repugnância, como todo o homem virilmente capaz, da pornografia e da sua exibição mórbida e nojosa por qualquer forma, incluindo, aqui a mais por um simples rudimento de educação a higiene intelectual, a do reles mas vulgalíssimo desbragamento da linguagem, falada ou escrita, a que são primacialmente atreitas aquelas púdicas e venerandas pessoas, mais clamorosas na fingida indignação, se o caso lhes convém, contra supostas imoralidades. Esse rubor de faces, que logo pintam ao cheirar-lhes ao «duplo sentido», êsse gargarejar em ais de cócegas, não passa, lamentàvelmente, de um vicioso onanismo. Não queremos dizer, como o Fialho, que a boa moralidade está em chamar às cousas pelos seus nomes, porque feios nos são os apeladórios, mas as acções, muito embora perfeitamente concordes em que, ao menos muitas vezes, seria cobarde, mas sobretudo imoral, dizer a um pulha que êle era uma escola de carácter... sem frègueses honestos. O eufemismo quando não é uma lisonja, é uma trapaça. De linguagem untuosa, e envenenadíssima, andamos francamente saturados. Se um homem de espírito conversa, por entretenimento ou dever de cortezia, com uma senhora, escusa de obscurar o sentido da frase malcriada com os derivados de uma galantaria pífia de viela. Pensa direita, mente e fala tão limpo como pensa-embora, como portuguezinho valente, lhe esteja alvoraçado o coração.

E' conhecida a história do cão, que saía sempre da sala quando sentia nos intestinos, se é da espécie o possuí-los, a revolução aflitiva dos gases. Ponderadíssimas criaturas há que, não podendo mais reter as expressões contundentes, sob a alçada das leis da etiqueta bem falante, se fecham no quarto e desabafam livremente. Outras, e quantas, livremente as proferem diante das filhas, criancinhas, mas apopléticas as vituperam se as ouvem na rua a míseras criadas ao sol e à chuva. E' que são essencialmente, em regra, imorais e desvergonhadas de palavrões os tartufos da moralidade pública.

Há também, porque muita cousa anda por êste mundo, frasezinhas e doces expressões do melhor asseio que são da mais tremenda e ridícula imoralidade.

Não era o Conselheiro Acacio que tinha na mesinha de cabeceira sujos volumes de erotismo com gravuras afrodisíacas? Pois muito pior é aquela amabilidade, no chá, a uma senhora que lhe oferecia bôlos — «Estou repleto, ex.ma senhora!» Digam lá se não é tremenda porcaria.

Quanto a jornalismo... Se ainda mudassem a chapa! Mas é que não. Nós já sabemos de cór a tirada homérica. Quando salta a polémica é logo um arremangar açougueiro e o disparar do bacamarte as consabidas insolências, que não é muito certo façam ainda as delícias da vadiagem, mais ou menos elegante. Quanto a nós, santinha paciência, perdem o tempo e o feitio. Bom proveito.

*

Dizem os lavradores: O homem é que faz a terra.

Cousas da velhice

A velhice tem cousas do arco da vélha, cousas do diabo.

Há muito varão ilustre que ao chegar a vélho descamba em sandeu e desdiz, em pouco tempo, um passado honesto, respeitável. Tem cousas do diabo, a velhice!

Mil exemplos nos acodem em favor do que acima fica dito, mas um nos basta, um, apenas, que o talento sem par do famoso Camilo fez ressaltar de entre tantos.

Refiro-me àquêle rotundo António José da Silva de sua graça, pançudo mercador da rua das Flores, na muito nobre e invicta cidade que o Douro banha. O refegoso António José, o *sôr* Silva, que sempre soube levar vida sem grandes aquelas por onde lhe pegassem a virtude e a má-lingua, mal chegou a vélho, deu raia que te parto. Em duas palavras: casou-se com menina muito afastada ainda das 20 ridentes primaveras. Foi uma dos diabos, esta do mercador. Em pouco tempo... Cousas da velhice, que as tem e bôas.

E aquela que em nova pintou a manta e depois de velha se fez bisbilhoteira, beata e não sei que mais? Cousas da velhice.

Que êle há velhices tranquilas, nobres, venerandas; mas, pelo visto, apontam-se a dedo. Que o diga aqui o que até agora foi um pachorrento periódico, o nosso vélho colega *Comércio de Guimarães*, e que, de um momento para o outro desatou a asnear, que não há dianho que tenha mão nêle.

Ele que o diga.

Vivia êste nosso colega a vida recatada, pausada, do homem retirado dos negócios. Chovesse ou desse sol, sempre o seu porte era o mesmo, e, se às vezes o viamos resmungar mais alto, o que era raro, logo atribuíamos o caso a uma má digestão ou ao reumatismo próprio da idade, e nunca à má índole ou à má criação do excelente colega. Achaques, simples achaques; talvez o maldito flato, irmão gémeo da velhice.

Pois querem lá ver? Há dias, há uns dias para cá, sai-se-nos desbocado, truculento, insultante, ó alma do diabo. Sem dizer água vai, pega em toga de Catão de pechisbeque e desata a insultar — doido varrido — e a acusar-nos de imoralidade, daquela hedionda imoralidade que só pode existir nas almas preversas que a forjaram. Coitadinho. Ao que a gente chega... E diz que não tem mêdo, êste Matusalem derreado, que não sabe a figura que faz, quando se dá aqueles arreganhos de papão... caquético.

Que não tem medo e que tal, etc.!

Mas, a que vem isso do velhote? Não sabemos. O decano, a nosso ver, descarrilou por causa da velhice. E é que já não há glândulas de macaco que o salvem, como se está demonstrando.

Ele sempre tem cousas, a velhice!... Haja em vista o que ela fez a êste nosso venerando, até há pouco, colega, e o triste estado em que deixou o *sôr* Silva, refegado mercador da rua das Flores, da cidade invicta. Uma miséria, moralmente falando.

RIDENDO

Pois, senhores, da tal irmã da saúde, da D. Higiene, que entre nós, portugueses, foi criada na roda, não há quem dê notícia.

Enjeitada de menina e môça, para longes terras, foi curtir sem pesares a outros sóis, levando seus confôrtos e seus benefícios. Para nós, desalmados com ela, nem a triste, nem a mesquinha memória de uma lágrima de água, onde refresquemos os pés gretados de tanto calcurriar atrás da esquiva dona. Para nós, uma figa.

Anda a gente a badalar por êsse mundo de Cristo, a preguntar por ela, a chamar por ela, e tudo em vão. D. Higiene, que ninguém vê por essas vilas e cidades, levou sumiço, qual moira encantada, que um mau destino, uma fada cruel, para sempre nos quisesse esconder. Triste sina a nossa e a da senhora D. Higiene!

Ao que dela nos dizem, deve ser bem linda a tal senhora. Pena é que só de nome a conheçamos.

. . . . . .

Gemeram os prélos, correram *amazonas* de tinta, das mais recônditas luras da eloqüência brotaram os Cíceros e os Demóstenes, *té* os galos cacarejaram alarmados com tanta celeuma, para, no fim de contas, ficar tudo como estava, nesta paz pôdre de cemitério, nestas águas mortas de pântano.

Que miséria! Fica-se a gente a pensar que é bem mais fácil arruinar os espessos muros de qualquer nova Jericó do que livrar a lusa grei do chiqueiro em que se atola.

Porca de sina, esta nossa!

. . . . . .

Se ainda não houve a semana da higiene, preciso é que a haja. E longa, muito longa; uma semana que dure, pelo menos, 365 dias e um quarto; tanto como o ano trópico. E que se aproveitem a água que se perde e o sol que se desperdiça para experiências em casa de todos aqueles que lhes desconhecem a virtude e o poder. Façamos com a água e com o sol o mesmo que se fez com a charrua, com a debulhadora e com a electricidade: experiências à vista do *freguês*. Talvez a cousa pegue. O pior é se a água não chega para lavar tanta e tam secular porcaria...

Do mal o menos. Tente-se e valha-nos a satisfação de ouvirmos a alguns, aos felizes, aquelas palavras da anedota com que muito nos fez rir o falecido e saudoso cónego José Maria Gomes: «Ai, que alívio que a gente sente naqueles primeiros 15 dias depois que lava os pés!»

Faça-se a semana da higiene; uma semana de 12 meses. E, se preciso fôr, estabeleçam-se prémios. Mas, não caiam na asneira de criar *prémios de consolação*. Atendam à fôrça do hábito e lembrem-se que o bípede da ocidental praia lusitana há muito que se contenta com o tal prémio.

Pronto. Não há prémios de consolação. Vamos a isto, senhores; vamos á «semana da *hingiene*»!

Eu cá vou tomar banho debaixo de uns caleiros que há ali, à mão, em todas as ruas. A meu ver, foram lá postos para isso.

Avante! Herois do mar...!

Circo Konïot-Mariano

E' amanhã que êste esplêndido Circo dá a sua récita de despedida.

Com belos números, cheios de emotividade e arte, mais uma vez conquistou as simpatias do público e impôs-se como um circo de grandes recursos.

De esperar é que o público retribua o esfôrço da Emprêsa.

Visado pela Comissão de Censura

"Estrela do Minho"

Esta bela fôlha republicana, regionalista, literária e noticiosa, que, em Vila Nova de Famalicão se publica sob a inteligente direcção do nosso correligionário e amigo, sr. José Casimiro da Silva, em seu último número comemora o 37.º aniversário da sua fundação, pelo que a felicitamos. Belamente colaborada, com inúmeras gravuras daquela vila, podemos considerá-la uma das melhores fôlhas da província.

TRIBUNA LIVRE

Ideias e factos

As ideias evolucionam.

Dinamizadas pelo pensamento, tomam vulto e perfeição, alargam-se e libram-se a grandes alturas, nitidamente marcando uma progressividade latente, forte, que nada há que a detenha ou paralize.

As ideias sucedem-se prenhes de beleza para as inteligências cultas, dominadoras e desempoeiradas, crescentes como um turbilhonar de esperanças e desejos.

Quando em fins do século XVIII, a burguesia fez baquear o «absolutismo» da aristocracia, castigando severamente os seus desmandos e abusos, convencida estava de que tinha alcançado a verdadeira perfeição e orgulháva-se de haver terminado com as supremacias, falando clara a linguagem da Verdade, impulsionada e ditada por ideias perfeitamente modernas, ideias limpas de todas e quaisquer conivências das usadas no passado inglorioso.

Principiou de exercer a sua actividade para a realização dêsse objectivo que seria a aspiração máxima de todos aqueles que a auxiliavam — a igualdade perante a lei, — reconhecidas as tendências humanistas impostas pelo século e proclamados aqueles princípios que mais consentâneos se tornavam para com a virtude e a moral.

Sol que iluminou o mundo, dando ao homem o pleno uso das suas faculdades e tornando o responsável de obrigações e deveres, êsse movimento revolucionário marcou na História e no Tempo uma digna étape *da inteligência e acentuou desassombradamente a imputabilidade de actos que, em sua função, fôssem a expressão da razão e a norma duma vida social de civilização, meritória e igualitária.*

Porém, depressa se apagou. A sistematização imperfeita da soberania, as ambições desmedidas e a errónea influïção derivada pela sucessão sincrónica do carácter, muito contribuíram para a fatal seqüência da perversão, muito influíram para o aconchêgo à tendência natural que subordina tudo a razões abstractas, «arranjos de encenação *dos elementos sociais» que muito pouco ou nenhum efeito sortiram. E vê-se, vê-se que a classe predominante se rege e orienta consoante as taras hereditárias, concorrendo duma maneira insofismável para o seu abastardamento e originando artificialismos impossíveis de* encenar*—uns verdadeiros jogos de espelhos que não iludem a ninguém!*

E a burguesia, por fim, tem servido um predomínio tirânico e insuportável, predomínio êsse que agrava o problema político a tal ponto que o subalternizou a uma derivante do problema económico — a maior e única finalidade admitida para a resolução da questão social —, falhando assim miseràvelmente ao compromisso que havia tomado perante a Humanidade inteira.

L. Coelho.

Capitão Duarte Fraga

Acompanhado de sua Ex.ma Família, partiu na pretérita terça-feira para a Póvoa de Varzim, êste nosso querido Director e Administrador do jornal.

Apresentamos a S. Ex.a os nossos cumprimentos.

Dr. António Moreira Freire

A substituir o nosso prezado correligionário e amigo, sr. Virgolino Pimenta, que, como noticiamos foi colocado em S. Tomé, encontra-se a chefiar a filial do Banco Nacional Ultramarino, desta cidade, o ex.mo sr. Dr. António Moreira Freire, que durante alguns anos ocupou êste mesmo cargo na cidade de Penafiel, cargo que exerceu com elevado critério e competência.

O Povo de Guimarães cumprimenta S. Ex.a e deseja-lhe as maiores felicidades.

Coisas e Loisas

COITADO

QUE grande desânimo vai naquele grande pôço de veneno! E, que grande pena e que grande nôjo vê-lo assim tão atascado na descrença de converter êste e o outro mundo, e o pai dêles ambos ao seu rancoroso crédo de fanático!

«Ao calor que nos enerva e torna quási heroico o esfôrço do labor jornalístico não se contrapõe, ao menos, o refrigério moral das boas notícias dos acontecimentos mundiais.»

Coitadito! Nesta estação se contempla *Nemo* a ver fugir-lhe das unhas recurvas a cobiçada prêsa, o que lhe dá grandes calores.

Lá se lhe escapam os maçónicos e os *libarais*, lá se lhe escapa tudo, homens e mulheres, como enguia em mãos de pescador canhoto.

Republicanos e ateus, crentes e descrentes, tudo dá às de *Vila Diogo*, deixando o pobre do conselheiro a ver navios, a suar.

O' da fresca limonada!!!

* * *

VÊDE A ESPANHA

OLHAI para a Espanha! Ponde os olhos na Espanha!

Pois, sim. Reparemos na Espanha, que melhor e mais salutar lição não temos. Tão clara e insofismável ela é, que ninguém pode deixar de a entender.

Diz-nos a Espanha que nada há que possa opôr-se à marcha segura, firme, da Democracia.

Diz-nos a Espanha que aqueles que governam os povos devem ter sempre em vista as suas necessidades e aspiraçõss, resolvendo-as em conformidade com o bem geral, a a êste sacrificando, até onde fôr possível, o bem particular ou de classe.

Diz-nos a Espanha que temos urgente necessidade de difundir a a instrução, para que cada um saiba até onde vão os seus direitos e a quanto o obrigam os seus deveres

Diz-nos a Espanha que não tem no seu parlamento um só deputado comunista.

Diz-nos a Espanha qne isto de monarquias foi chão que deu uvas.

Diz-nos... Mas, vamos devagar.

* * *

ESCOLA SEM DEUS

UM padre espanhol ferido por Cupido — êste maroto nem os reverendos poupa — sequestrou uma rapariga. Vai, depois, como a cachopa não estivesse pelos ajustes do tonsurado e resistisse, apesar de tudo, aos seus desejos, de que se ha-de lembrar o lúbrico e feroz sequestrador de donzelas? Disto, que é muito simples e mais bárbaro do que simples:

Pega na Dulcineia em carne e ôsso, amarra-a, para que se não esgueire, mete-lhe palha entre as roupas e a carne e chega-lhe o fôgo.

Bárbaro, cafrino, mas simples, temos de concordar. Este grande animal deve ser a reincarnação de algum espírito inquisitorial, do espírito de algum dêsses zeladores da fé e da religião, que tantas vítimas assaram nas fogueiras purificadoras, acêsas em nome de Deus.

E o facto é que, se não acodem, era uma vez uma cachopa que resistiu aos desejos de um padre...

Livra! Bem diz a cantiga:

«O' minha mãi, minha mãi,
Muito triste é ser mulher...»

E é. Com padres assim é uma desgraça.

* * *

SENSO COMUM

SERÁ melhor ceder uma parte, do que deixar que nos levem tudo.

Assim se exprimiu um proprietário espanhol, quando se discutia a já célebre questão agrária. E' melhor ceder uma parte...

Este proprietário está no bom caminho.

Bem sabemos que o não levam a tanto o seu amor do próximo, o seu cristianismo, a sua consciência, o seu espírito de justiça. Bem sabemos.

Mas, que diabo, o simples senso comum, em época como a que vai correndo, é já cousa apreciável; e êste proprietário mostrou tê-lo.

E' inegável que o homem foi sensato, muito mais sensato que os seus colegas que à viva fôrça se querem opôr às humanitárias medidas do seu govêrno.

Aos poetas d'água-chilra...

Poetas *d'água-chilra*, ó doces menestreis,
Que armazenais no caco arrobas de empirismo...
Loiros Bardos de mel que a lira hoje tangeis
Em pindárico amor e tôlo futurismo...

Ponde a lira de parte — o pífio sentimento —
E essa beleza romba em saltos acrobatas,
Que aquilo que fazeis fá-lo qualquer jumento
Arregaçando a beiça e exibindo as patas...

Transformai essa lira em cítara vibrante
Que cante o azul e o sol, as plantas e o trabalho,
Que cante o vinho e o pão, e a terra fecundante,
Que cante o arado e a enxada, a forja, a safra, o malho!

Despi os balandraus e apagai o incenso,
E esse cheiro a defunto em criptas tenebrosas...
Cantai a natureza e o mar — o mar imenso —
Os astros e a amplidão. Fazei florir as rosas.

Calai os cantochões nas naves regeladas,
Vibrai rubros clarins ao sol pela verdade;
E em vez dum **miserere**, em vozes abafadas,
Gritai uma canção soberba à liberdade.

Eu cá sigo, eu cá sigo, o doido sonhador,
D. Quichote da Ideia, à busca do Ideal
Que transforme a trapaça em rutilante amor,
Da **treva** faça a Luz-Eterna em Portugal.

Sou duma geração sàdia e turbulenta
Que dava um murro a tempo em pró do seu amigo...
Que preferia o vinho a pingos **d'água-benta**,
Sabia dar esmola ao órfão e ao mendigo.

Sou duma geração que quando era preciso
Chamar pandilha a um rei, cumpria-se a palavra...
Que tinha p'ra mulher nos lábios um sorriso
E quebrava a grilheta à multidão escrava.

.....

Poetas *d'água chilra*, ó doces menestreis
Litúrgicos da treva: ao sol, que o sol é a vida!
Quebrai tôda a mentira e a lira que tangeis,
E cantai a Verdade, a Dama-Apetecida.

Julho de 1931.

Delfim de Vimaranes

Aliança Republicana

Importantes adesões de velhos e ilustres Democratas

Na séde da Aliança Republicana, em Lisboa, filiaram-se os seguintes cidadãos.

Os srs. almirantes: Aires de Sousa, Luís António Simões e José Calvet Cardoso; capitão de fragata Eduardo Vilarinho, engenheiro Perpétuo da Cruz e Júlio de Sousa Larcher, capitão-tenente Manuel da Cunha Rêgo Chaves, José Duarte Cardoso, e Roberto da Fonseca; engenheiro Melo Queirós e Eduardo Santa Clara Agrela; capitão-tenente Ferreira de Campos Navarro, Pedro Caldeiro Santos, Armando de Aguiar, Maurício de Oliveira e Joaquim Camilo Fernandes Alves; capitão-tenente Francisco Penteado, João Pedro Veiga, Pedro Caldeira Santos, Manuel Tavares Veiga, Alexandre Rodrigues Morgado, José Maria Moreno e Constantino Lima; contra-almirante: capitão de fragata Fernando Augusto Pereira da Silva, capitão de fragata Marcelino Carlos, capitão de mar e guerra médico Henrique Carlos Rodrigues, capitão-tenente Fernando Amor Monteiro de Barros, 1.º tenente médico Mário Garcia da Silva, 1.º tenente de Marinha José Filipe Castela, 1.º tenente de Marinha Luís de Freitas de Oliveira Lima, capitão-tenente Joaquim Mario Alves Pereira da Fonseca, oficial da Armada António Augusto Almeida, capitão-tenente Fortunato Pires da Rocha, capitão-tenente engenheiro maquinista Francisco Peres Trancoso, 1.º tenente de Marinha Luís de Arriaga e Sá Linhares, cirurgião dos hospitais dr. João Pais de Vasconcelos, comerciante João José Denis, comerciante e industrial Angelico José de Sousa, capitão-aviador Francisco de Sousa Larcher, major de Aeronautica Mário da Costa França, oficial do Ministério das Finanças Rafael Marçal, capitão de Infantaria Mário Marrecas Ferreira Pimentel, médico dr. Jorge de Castro, professor dr. António Nicodemos de Sousa Pereira, capitão-tenente Artur José da Conceição Santos, major do estado maior Pereira dos Santos e dr. João de Barros.

Capitão de mar e guerra Oliveira Musanty, capitão-tenente Manuel Francisco da Silva, 1.º tenente Fernando Quintanilha Mendonça Dias, 1.º tenente Carlos de Oliveira Lima, 1.º tenente Baraona Costa, 2.º tenente de Aviação Naval José Aires Trigo de Sousa, 2.º tenente da armada Pedro de Sequeira Zilhão, capitão de fragata, médico João Severo Duarte da Silveira, capitão de fragata, médico José de Andrade Sequeira, 1.º tenente médico Artur Lourenço Raimundo, 1.º tenente médico Antonio Maria Cardoso Pereira, 1.º tenente, professor da Escola Naval João Vaz de Azevedo e Silva, 2.º tenente de saúde naval Porfírio Soares de Paula, capitão de fragata médico Raul do Carmo Pacheco, capitão-tenente médico José Tavares Lucas do Couto, capitão-tenente médico Julio Gonçalves, 1.º tenente médico José da Silva Nogueira, 2.º tenente médico João Fraga de Azevedo, 2.º tenente da Administração naval Daniel de Pina Cabral, 2.º tenente de saúde naval José Marques Figueiredo, 2.º tenente de saúde naval Antonio de Melo Rodrigues, 1.º tenente da armada Joaquim António Ferreira, 1.º tenente da Administração Naval Carlos Henriques, aspirante da Administração Naval Fernando Pinto Soares, 1.º tenente da Administração Naval António Pereira da Silva Teixeira, capitão Wilton Pereira, capitão Artur Azinhais, dr. Pedro Martins, professor da Faculdade de Direito; dr. Queiroz Veloso, professor da Faculdade de Letras; dr. Carlos Amaro, dr. Tiago Sales. Deputados às Constituintes; Sebastião José Barbosa, Secretario Geral do Govêrno de S. Tomé; engenheiro Olivio Malheiro, Artur Portela David Salsa, Pinto Monteiro, jornalista, de Assis de Brito; Emídio Garcia, advogado; Alberto de Souza, pintor; engenheiros: Alfredo de Azevedo, Custódio Nunes e João Geirinhas, etc.

(Do *O Povo de Penafiel*)

V. Ex.a

Só encontra um bom sortido de meias em todas as qualidades, camisas, popelines, gravatas, chapeus, sombrinhas, luvas, malinhas, bordados e rendas, artigos de bordar, calçado de verão na

Camisaria Martins

a CASA DAS MEIAS

Na casa HIGH-LIFE se encontra hoje uma transformação completa nos preços do seu enorme sortido.

Retalhos da História Pátria

A decadência

Foi D. João II, quem, em 1481, abateu o poderio da nobreza, para, em benefício da corôa, estabelecer em Portugal o poder absoluto, de tam desastradas conseqüências. Querendo *abater o feudalismo*, ordenou a todos os corregedores que fizessem executar as leis, sem exceptuar as terras dos nobres, declarando-lhe estes o maior ódio, e tramando as conspirações, que êle sufocou. Estas, foram castigadas sanguinariamente. D. Fernando II, 3.º duque de Bragança, subiu, ao cadafalso, na praça do Geraldo, em Evora, em 1483, e, D. Diogo, duque de Viseu, primo e cunhado do soberano, morreu, ás suas próprias mãos, apunhalado!

Sucedeu-lhe D. Manuel que, sendo, irmão de D. Diogo, também era seu primo e cunhado e que foi duque de Beja.

Foi D. Manuel quem expulsou de Portugal os judeus, medida contrária ao interêsse público, e que prejudicou enormemente o seu comércio e a sua industria. As suas perseguições aos filhos de Israel, permitiram que se abrisse a porta do futuro estabelecimento da inquisição em Portugal. A nossa querida Pátria, levada, neste reinado, ao apogeu da glória, começa a declinar.

Apesar do esfôrço dos seus grandes capitães, que fizeram o descobrimento do Brasil e as conquistas de Ormuz, Gôa e Malaca, tomando ainda, na Africa, as praças de Almedina, Bramôr, Çafim e Mazagão, é desta data que começa a decadência da nossa liberdade e da representação nacional.

Tendo falecido em 1521, sucedeu-lhe seu filho D. João III, qual foi a asa negra de Portugal, pela sua transigência com os jesuítas.

Foi êste rei, fanático e piedoso, quem permitiu e introduziu no país a celebre companhia de Jesus, que, monopolizando o ensino e envenenando as consciências com a sua moral depravada, *estabelece a Inquisição*, a qual, com as suas devassas, prisões, torturas e autos de fé, perturba violentamente o desenvolvimento moral e intelectual desta gloriosa e grande nacionalidade.

Foi neste reinado que se abandonaram as praças africanas de Alcaçer Seguer, Çafim e Azamôr e que começa a decadência da monarquia, estrangulando-se pouco a pouco a Liberdade. Sucedeu-lhe seu neto D. Sebastião, que tinha 3 anos, quando D. João III morreu, entregando-se a regência do reino, a seu tio, o cardeal e inquisidor D. Henrique.

Foi êste D. Sebastião quem atirou com a independência Portugal aos areais da Africa, na desastrosa batalha de Alcacer-Quibir, finda em 4 de Agosto de 1578, onde, ficou sepultado com a fina flôr do exército português, aparecendo como um fantasma à consciência ignára dêste povo fanatisado. Criança ainda, aducado pelos jesuítas, inexperiente, fez essa infeliz jornada e expedição e Marrocos, donde não mais apareceu, a não ser que chegue *«numa manhã de nevoeiro»*. Já seu tio, o inquisidor, regente e cardeal D. Henrique cantára *Te Deum* na Patriarcal, em acção de graças, pela matança dos Huguenotes, na noite de 24 de Agosto de 1572, carnificina esta sucedida em França, tão terrível de ferocidade, e que é conhecida pela Saint-Barthelemi.

Assim estava imbecilizado o povo português quando êste cardeal foi aclamado rei, entre lágrimas. Este traidor era inclinado a Castela. Nas côrtes de Almeirim, Phebo Moniz pediu com a maior insistência a êste D. Henrique, que nomeasse um rei português e não nos entregasse a Castela.

Nomeou-se ali uma junta, a qual à hora da morte do caquético rei dá traiçoeiramente o beijo de Judas na face lívida da nação portuguesa, que nos entrega manietados nas mãos possantes do govêrno de Espanha, caíndo assim em poder dos Filipes. D. Antonio o Prior do Crato, ainda reagiu, mas foi derrotado, seguindo-se os maiores vexames e perseguições feitas dos seus partidários, até que, 60 anos depois, o Povo acordou.

A. B.

GUIMARÃES 70—TOURAL—73 N. 1890

Crónica sôbre Guimarães

Para quem, como eu, tenha nascido e vivido no sul, conhecendo apenas o norte de Portugal até ao Porto, a paisagem que da Trofa à vetusta e nobre cidade de D. Afonso Henriques se desenrola diante dos nossos olhos maravilhados toma o aspecto inolvidável duma revelação. E para quem venha de longe, do mundo, e trouxer os olhos e o seu coração fatigados, esta paisagem surge-lhe confortadora e doce como as mãos leves duma enfermeira.

Nessa manhã de fim de Agosto em que eu aqui cheguei, vai já fazer um ano, recortava-se no céu puríssimo o perfil dos montes vizinhos cobertos por uma vegetação luxuriosa, dum verde húmido e matinal, duma edénica primavera.

Aos meus olhos, afeitos à severidade das longas planícies monótonas do extremo sul do Ribatejo, tudo, pessoas e cousas, ganhavam um íntimo acolhedor, fraternal.

E, então, num contraste, eu evocava a vasta planície de restolhos, calcinada por um sol ardente e via pela estrada poeirenta seguir a figura hirta e sêca de algum ganhão, ou nalguma curva, quando o caminho se apròximava do rio, as mulheres, que dentro dos canteiros dos arrozais, de calça de ganga e largo chapeu desabado, sob a soalheira infernal, iam ceifando as fartas espigas de arroz compensadoras e agrestes.

Mas, desfeito o sortilégio da paisagem natal, deixando errar os olhos deslumbrados de verde e de frescura, inundava-me um vivo sentimento de íntima alegria e de fraternidade.

Já Santo Tirso ficava longe, seguramente a mais de uma hora de ronceiro andamento de comboio.

Estamos em Visela. Mais duas pequenas estações, e pronto, eis-nos chegados!

Vista da estação não nos parece grande a cidade.

O castelo «todo de pedra morena» ergue-se dominando o burgo como um velho senhor feudal. A meio da Avenida que da Estação nos conduz ao Toural, uma operária, batendo nas coxas duas vigorosas palmadas, solta uma enérgica expressão de contrariedade.

Acho-lhe graça. Rio-me. E é sob uma impressão de bom humor e comunicativa simpatia que entro no Toural — o coração da cidade — disposto a consentir, que por sua vez, a cidade entre no meu coração.

Surpreende-me o grande número de velhos palácios brazonados.

Guimarães, através dos tempos tem sabido manter o seu grande ar de berço da nacionalidade.

Deixo-me enfeitiçar por ela. Ando encantado...

Não preciso que me apresentem, e porque detesto os cicerones, sigo sósinho pelas ruas estreitas, medievais, parando freqüentemente para admirar as cousas e as casas que mais me chocam pelo imprevisto, pela graça, ou pela nobreza. Há uma casinha em geito de oratório na velha Rua Nova que me apetece levar para casa e pô-la em cima da cómoda do meu quarto.

Decididamente Guimarães conquistou-me! *Se queres ser amado ama.* Por isso toda a gente se mostra carinhosa e deferente comigo.

A's pessoas com quem converso e desejam conhecer as minhas impressões digo-lhes sinceramente o que sinto. Algumas imaginam que eu simplesmente procuro ser-lhes agradável, outros, os pessimistas, julgam-se no dever de avisar-me: Não se fie.. Nós não somos tão bons como lhe parecemos...

Mas ainda conservo a boa impressão da chegada.

Para se julgar com justiça é preciso não ver as coisas e as almas com olhos excessivamente minuciosos, de outro modo arriscamo-nos a perder de vista o aspecto geral e o seu sentido profundo.

Recordo-me agora dum breve diálogo que tive no primeiro domingo depois de aqui chegar. Vinha de Visela, de assistir à Batalha de Flores; no comboio não havia lugar para uma pessoa mais. A meu lado ia um rapazote de vinte anos, com uma criança no colo. Num dado momento fiz-lhe não sei que pregunta. Respondeu-me solícito, desentranhando-se no mais largo e caloroso louvor da sua terra. A Penha, ah! a Penha! O Bussaco, Sintra, o Bom Jesus, Santa Lusia, podiam-se lhe lá comparar!.. Depois veiu o elogio do Castelo, da Senhora da Oliveira, do vinho magnífico e baratíssimo, da água saborosa, leve, fina, única no mundo! E as suas fábricas, a sua indústria!... Aqui preguntei-lhe se os operários ganhavam o suficiente.

Embora sem o mesmo entusiasmo, afirmou-me que sim, que ganhavam bem! E apresentou-me dados manifestamente ótimistas.

Um outro, ao lado, não se conteve, protestou.

Para cortar a discussão que se estabeleceu entre os dois, atalhei: — E Guimarães progride?

Com uma profunda convicção assombrado de que semelhante pregunta se pudesse fazer, respondeu-me:

— Oh! sempre... Isso é uma coisa!..

Não pude furtar-me a uma leve ironia que o meu companheiro estava longe de merecer, mas que me saiu irresistìvelmente, e sorrindo comentei: — Tem tido tempo, do D. Afonso Henriques para cá..

Que o bairrismo do meu simpático companheiro me perdôe dizer-lhe que a sua linda cidade progride, é certo... mas excessivamente devagar.

Guimarães, 31 de Julho de 1931.

AMÉRICO DURÃO.

Editos de 40 dias

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito de Guimarães, e cartório do 4.º ofício, correm éditos de 40 dias, a contar da segunda e última publicação dêste, a citar os executados Joaquim Carvalho Bastos, solteiro, maior, negociante, e Lourenço António de Carvalho, viúvo, proprietário, que moram na rua 31 de Janeiro, desta cidade, e agora se acham auzentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, para no prazo de 10 dias, posterior ao termo dos éditos, pagarem à exeqüente D. Narcisa da Conceição Couto Garcia, solteira, maior, da rua de D. João 1.º, desta mesma cidade, a quantia de 16:406$19 que lhe devem de capital, juros e custas liquidados na acção Comercial por letras, que lhes moveu, com os juros e custas acrescidos, sob pena de se efectuar a execução nos bem arrestados, substituindo o arresto já feito a penhora.

Guimarães, 20 de Julho de 1931.

O escrivão,

José Maria Baptista Ribeiro.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

R. Cunha.

Medalha de ouro

Na Avenida Cândido dos Reis foi encontrada uma medalha de ouro que se entregará a quem pertencer.

Nesta redacção se informa.

História dum gládio

(A. J. M.)

«O regime é dos mediocres... e dos bajuladores: burro ou cão, não te parece?

.....

Qualquer dêsses animais tem cotação: o ignorante impõe-se, o servil consegue tudo.»

(*A bico de Pena* — Coelho Neto).

Eu não costumo ler *O Commercio de Guimarães*, não porque nas minhas *alturas* não consiga vislumbrá-lo, mas tão sòmente porque àparte as velharias saüdosas de El-rei e os anúncios da Mala Real Inglesa, o *Carnet* e os Funerais, nada nêle encontro que possa despertar a minha atenção.

Mas tinha simpatia pelo *Decano*, como sói dizer-se, pois são-me simpáticos os velhos com as suas caturrices que são criancices.

Já alguém bem disse, a propósito dos velhos: «O próprio tempo como que os transforma — tornam-se tartamudos, ficam desdentados, caminham à custa de apoios, alimentam-se como os petizes e até vão engelhando: — a velhice é a caricatura da infância.»

E porque sei ser assim, não prestava atenção ao vèlhote.

.....

Mas, um dia, um ruído insólito se ergue. E que vejo? o vèlhote caminhando com arreganho, brandindo uma espécie de gládio cheio de ferrugem e cheio de bôcas (que são a sífilis e as pústulas do ferro), gládio que agitava em esgares que faziam riso, tal a pretensão de meter medo aos que, obrigados pelo ruído, o contemplavam.

Onde teria o vèlhote desencantado aquele *espadão?*

.....

Em certos museus há, em exposição, *espadões* como aquele.

Alguns têm história e estão bem resguardados, pois lembram pugnas heróicas, combates e batalhas: talhando pátrias novas, pelejando por uma causa, boa ou má, mas faiscando ao sol das batalhas sem um tremor das mãos que o empunharam.

Gládio de Afonso Henriques, gládio de Nuno Alvares, gládio de Albuquerque!

Outros... não têm história.

Abandonados no campo da batalha, foram, mais tarde, encontrados em escavações ou vendidos na loja de algum *ferro velho*.

O vèlhote encontrou um gládio ou, antes, o homem que o usava foi oferecer-lho, mas enganando o vèlhote, contando-lhe histórias maravilhosas daquele ferro ferrugento e cheio de bôcas... feitas em inofensivos exercícios. Disse-lhe que tinha relampejado ao sol dos combates e não era verdade.

Ainda não era acêsa a luta e já o *herói* se pusera a salvo, abandonando o triste gládio.

Mais tarde, valendo-se dos favores daqueles a quem agora escouceia (metamorfose do cão em burro) retomou o gládio para heròicamente (sic), a chorar, empunhá-lo numa luta fratricida em que nem um tiro houve. Mesmo assim, sem tiros, o gládio seria mais uma vez abandonado no campo da batalha se o cano duma metralhadora não vigiasse atento.

.....

E é êste *espadão* ferrugento e embutado que o tonto do vèlhote empunha entusiasmado qual criança esgrimindo uma espada de pau!

Cautela, vèlhote, não seja o *espadão* uma gazúa.

UM CHARANGUEIRO QUE NÃO TOCOU.

Fio de ouro Achou-se no Toural. Entrega-se a quem provar ter-lhe

Informa esta redacção

Bar-da-Penha

Passa-se com toda a existencia.

Quem pretender pode dirigir-se ao proprietario, no referido local.

Guimarães, 17 de Julho de 1931.

Escola Industrial e Comercial Francisco de Holanda

Movimento escolar no ano lectivo findo:

I) *Curso Comercial* — 1.º ano — Transitaram para a 2.ª classe 21 alunos; fizeram exame de geografia geral 21 (com 6 distinções); perderam o ano por faltas e insuficiência de média 23 alunos.

2.º ano — Transitaram para a 3.ª classe 20 alunos; fizeram exame de Aritmética Comercial 20 (com 4 distinções); fizeram exame de Caligrafia 20 (com 5 distinções); perderam o ano por faltas e insuficiência de média 21 alunos.

3.º ano — Transitaram para a 4.ª classe 3 alunos; fizeram exame de História Pátria Geral 3 alunos (com 1 distinção); perderam por faltas e insuficiência de média 4 alunos.

4.º ano — Concluiram o Curso 6 alunos (com 3 distinções).

II) *Curso Industrial* — Curso ordinario. 1.º ano — Tranzitaram para a 2.ª classe 6 alunos; fizeram exame de dezenho geral 5 alunos; perderam o ano por faltas e insuficiência de média 9 alunos.

2.º ano — Transitaram para o 3.º ano 4 alunos; fizeram exame de português 4 alunos (com uma distinção); fizeram exame de aritmética 4 alunos; perderam o ano por faltas e insuficiência de média 4 alunos.

3.º ano — Transitaram para o 4.º ano 7 alunos; perderam o ano por insuficia de média 1 aluno.

4.º ano — Concluiram o curso 3 alunos (com duas distinções); perderam o ano por faltas 1 aluno.

III) *Curso de Aperfeiçoamento* (transitório) — Português, 1.º ano — Matricularam-se 6 alunos; transitaram para o 2.º ano 3 alunos; perderam o ano por faltas ou insuficiência de média 3 alunos.

Aritmética, 1.º ano — Matricularam-se 6 alunos; transitaram para o 2.º ano 3 alunos; perderam o ano por faltas ou insuficiência de média 3 alunos.

Desenho ornamental, 1.º ano — Matricularam-se 4 alunos; transitaram para o 3.º ano 2 alunos; perderam o ano por faltas ou insuficiência de média 2 alunos.

Desenho ornamental, 3.º ano — Matricularam-se 12 alunos; perderam o ano por faltas ou insuficiência de média 2 alunos.

Lavores — Perderam o ano por faltas ou insuficiência de média 3 alunos; obtiveram distinção 7 alunos; transitaram por média para os anos seguintes 24 alunos.

* * *

Foram propostos para prémios pecuniários, pelo Conselho Escolar os seguintes alunos:

José Lino, 50$00, prémio da Câmara Municipal de Guimarães; António de Oliveira, 50$00, prémio da Câmara Municipal de Guimarães; Domingos Gonçalves, 50$00, prémio da Câmara Municipal de Guimarães; António da Costa Antunes, 50$00, prémio da Câmara Municipal de Guimarães; Silvino Malheiro Rodrigues, 150$00, prémio da Junta Geral do Distrito; Francisco Manuel Teixeira Duarte, 150$00, prémio da Junta Geral do Distrito.

Noticiario

Acompanhado de sua Ex.ma Família, partiu para Vinhais, a passar as férias, o nosso particular amigo e correligionário, ex.mo sr. Dr. Manuel Ferreira da Costa, ilustre professor do nosso Liceu.

— Esteve entre nós, durante as festas, o nosso prezado correligionário, amigo e colaborador, sr. Delfim de Vimaranes, irmão do também nosso correligionário e amigo sr. Alberto Gomes da Silva Guimarães.

— De Santarém também veio a assistir às Festas Gualterianas, o nosso conterrâneo e dedicado correligionário sr. António Augusto Júnior, que ali se dedica à vida comercial.

— Acompanhado de sua Ex.ma Espôsa, vimos nesta cidade o nosso dedicado correligionário e importante proprietário no concelho de Felgueiras, sr. António Pinto, de Penacova.

UMA IDEIA EM MARCHA

A *República* de Lisboa, onde Ribeiro de Carvalho vem fazendo uma obra valiosíssima na defesa e propaganda dos princípios democráticos deu aos quatro ventos este angustioso alarme: Há famílias de republicanos na miséria! Por êsse país fóra há lares em que não só se chora a ausência do pai, do irmão ou do filho, republicanos convictos, republicanos daqueles que em 5 de Outubro, esfarrapados, com pouco mais do que uma camisa para vestir, de espingarda ao ombro guardavam os bancos, onde os senhores feudais da monarquia possuiam as suas fortunas, republicanos convictos que a adversidade levou para longes terras, mas em que também se grita: mãe! Tenho fome!

Republicanos de Portugal! é preciso salvar esta gente da miséria! Temos de agitar bem profundamente a opinião republicana, no sentido de ser minorada a situação das famílias de muitos camaradas nossos!

E' preciso que, de Norte a Sul, os republicanos num gesto de solidariedade, que não é mais do que um dever, auxiliem Ribeiro de Carvalho na sua magnífica cruzada.

A' Academia Republicana de Portugal, cabe também um papel preponderante nesta iniciativa. Ela pode trabalhar eficazmente em prol desta campanha. Assim, aqui no Porto, por iniciativa dum grupo de alunos do Instituto Superior de Comércio, vai ser convocada uma reunião dos delegados republicanos das escolas superiores, médias e Escola Normal, a fim de se constituir uma grande Comissão tendente a orientar os trabalhos da Academia, nesta campanha. Esta Comissão, desde que os elementos liberais a auxiliem, como é de justiça, pode realizar uma utilíssima obra. Em Lisboa e demais cidades do País é de esperar que os estudantes republicanos sigam o exemplo dos seus colegas do Porto, trabalhando todos, sem desfalecimentos, nesta urgentíssima obra.

Estudantes de Portugal!

Há famílias de republicanos na miséria que é preciso socorrer! Trabalhemos todos para que esta ideia que aí fica, se transforme numa autentica realidade.

Académicos! Mãos à obra!

ALEXANDRE JORGE GONÇALVES.

Carreiras de Camionettes

ENTRE

Braga e Guimarães

A Emprêsa Bracarense «Viação Auto-Motora», de António Magalhães & C.ª, iniciou no passado dia 1 várias carreiras de *camionette*, entre **Braga** e **Guimarães**, beneficio que aproveita ao público e que representa um grande esfôrço, pelo que a saüdamos efusivamente, publicando ao mesmo tempo o horário que satisfez plenamente a população das duas cidades.

HORÁRIO

Partidas de Braga	Partidas de Guimarães
7 horas (1)	8 horas (1)
9 »	10 »
11 »	12 »
14,30 »	15,30 »
16,30 »	17,30 »
18,30 »	19,30 »

Para maior comodidade do público são estabelecidos bilhetes de ida e volta com desconto entre Braga e Caldas das Taipas, Braga a Guimarães e vice-versa. Com êste novo horário ficam mais facilitadas as ligações entre Guimarães e Fafe e Guimarães e Vizela, Felgueiras, etc.

(1) Esta carreira não se efectua aos domingos.

MAQUINAS DE ESCREVER

As mais perfeitas, as mais modernas, as mais resistentes e as mais economicas, vende a **Casa High-Life**

BENJAMIM DE MATOS & C.ª, LIMITADA

Toural — GUIMARÃES

SEDE

LOJA DO LEQUE

TELEFONE N.º 64

Fazendas de lã, seda e algodão—Fazendas brancas—Malhas—Perfumarias e miudezas—Papeis para forrar casas—Maquinas de escrever

FILIAL

CASA HIGH-LIFE

TELEFONE N.º 230

Modas e Miudezas — Camisaria — Gravataria — Luvaria — Perfumarias — Meias de seda e algodão — Artigos para bordar : : :

Atelier de modista de Isménia Augusta de Matos — Rua Gil Vicente — Telefone n.º 64
Sempre novidades em tecidos de lã, algodão, fantasias e sedas diversas
: : Preços reduzidos — Vendas só a dinheiro — Perfiram sempre estas casas : :

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Guimarães | **Telefone N.º 146** | **RUA DA REPUBLICA**

TINTAS — **VERNIZES**
LOUÇAS — **POLVORAS**
VIDROS — **CAIXILHOS**

Casa das Gravatas

DE

Dias & Carvalho, L.da

43 — RUA DA REPUBLICA — 47
TELEFONE 188
GUIMARÃES

CHAPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA
COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEUGAS, POPELINES
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

Vejam os nossos preços

Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

A maior selectividade
Pureza e intensidade do som

TELEFUNKEN 40

O receptor com um ano de avanço sobre o demais. Sua simples manobra e a seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente dessiminado. Peça V. Ex.ª uma demonstração sem compromisso nem encargo ao : : : : : : :

Representante em GUIMARÃES:

HENRIQUE PIRES

TELEFONE 484 — GUIMARÃES

CASA IDEAL

DE

Joaquim Leite Monteiro

que é tambem o representante das maquinas de escrever L. C. SMITH e CORONA, que são reputadas ás de modelo mais perfeito e as de maior duração

28 — Rua 31 de Janeiro — 30 — *GUIMARÃES*

PAPELARIA, PERFUMARIA E TABACOS

Gramofones — e discos —

Papeis de embalagem, Fio, Papelão e maquinas de escrever : :

Papelaria Central

Praça D. Afonso Henriques
— TELEFONE 140 —

Artigos fotograficos

Unica casa de Especialidade

"O POVO DE GUIMARÃES"

SEMANARIO REPUBLICANO

Rua 5 d'Outubro N.º 33
GUIMARÃES

Assinaturas		Anúncios	
Por ano	24$00 Esc.	Cada linha	$50 cent.
Africa	28$00 »	Na 1.ª e 2.ª pág. preços convencionais.	
Brasil (moeda brasileira)	20$00 »	Comunicados, linha	$60 »
Estrangeiro	40$00 »	Imposto do sêlo	$15 »
Número avulso	$50 cent.	Linómetro tipo corpo 8.	

Ex.mo Snr.

.....

.....

.....

Deposito da Cal da Figueira

DE

LEITE & FIGUEIREDO

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA

Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre

das melhores procedencias

Agentes do cimento TEJO

Largo de S. Paio — **GUIMARÃES**